

1981 (27)

dupl

EXTRA

TRÊS
POR
QUATRO

Revista Laboratório da Fabico

Novembro de 1981



João Batista Marçal deixou o pampa mas continua o mesmo

UM ÍNDIO FURIOSO

EDITORIAL

Pela primeira vez, *Três por Quatro* sai como revista. Como cada número sempre foi uma repetição do que se fez no semestre anterior e o resultado não era satisfatório, resolvemos mudar.

Na *EXTRA* tentamos ampliar a nossa experiência, partindo para um jornalismo mais trabalhado. Um jornal construído durante todo um semestre dificilmente dá manchete. Já numa revista, o tratamento mais atemporal dá condições de conseguir um resultado de maior qualidade, não só de atualidade do texto, mas, também, de apresentação gráfica.

Pode não parecer, mas temos vergonha na cara. O último semestre do curso de jornalismo mereceria de nossa parte um epítáfio, mas preferimos encerrá-lo como uma participação de nascimento. Estamos quase todos nascendo para o mercado e o parto,

apesar de difícil, tem que ser comemorado, *EXTRA* anuncia o nascimento de mais doze desencantados jornalistas.

Mas não adianta chorar as agruras do mercado. Aliás, esse é outro vício dos jornais-laboratório que não queremos repetir. Preferimos aproveitar o espaço para dar forma ao que aprendemos, apesar da faculdade. Para isso, nada melhor que uma boa batalha. Chega de reclamar do ensino dormindo na sala de aula ou enchendo a cara no bar. As más condições de ensino têm servido de escudo para a incompetência e a acomodação de muita gente.

O bom jornalismo não se elocubra, ainda se faz nas ruas e *EXTRA* foi uma oportunidade de catar o fato onde ele está que não podíamos desperdiçar. Vem a pauta. E o temor de ser furado em uma semana. A pouca

experiência aumentando a dificuldade de localizar as pessoas e as informações. O cacife de estudante anda baixo e as pessoas andam escassas.

Quem vale uma boa entrevista em Porto Alegre? A lista é curta e os nossos critérios bastante excludentes. *EXTRA* conversou com João Batista Marçal, esse índio furioso. Não queríamos necessariamente um jornalista, mas Marçal não é apenas um jornalista. É muito mais do que isso, uma figura que vive outra Porto Alegre e tem muitas coisas a dizer. Marçal não se fez de rogado e abriu a caixinha.

Além da entrevista, *EXTRA* traz um pouco de sexo, futebol, música, política e polícia. Não é o melhor que temos para apresentar. É o resultado da conjugação de vários fatores sobre os quais não temos total controle. O principal é esta faculdade.



Wallace Lehmann

TRÊS POR QUATRO EXTRA

Esta é a revista-laboratório dos alunos do oitavo semestre do curso de Jornalismo Gráfico e Audiovisual da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Edição do segundo semestre de 1981, foi elaborada pela turma B da disciplina de Laboratório de Jornalismo Gráfico II, sob a orientação do professor Pedro Maciel.

Participaram dessa edição:

Antonio Rogério Candido, Cecília Rheingantz Silveira, Cláudia da Cruz Brandão, Gilberto Otávio Dias da Silva Lima, Horst Eduardo Knak, Laine Luiza Milan, Maria Rejane Souza de Vargas, Marcelo Antonio Rech, Marijane Ricacheneisky, Marília Terezinha de Martins, Vicente Romano e Vilmar Holz.

Composição, montagem e impressão: gráfica da UFRGS.

Nesta edição

ENTREVISTA

A fúria de João Batista Marçal 4

MISTÉRIO

Um detetive investigado 3

ELEIÇÕES

Nos muros, os candidatos 8

ROMANCE

Os locais de paquera na cidade 9

MACONHA

Todo mundo mete a mão na erva 11

EROTISMO

O serviço completo das sex-shop 12

ROCK

A música dos grupos amadores 14

GOL

Claudiomiro, o goleador aposentado 15

Foto de capa: Horst Knak

NA PISTA DE UM MISTERIOSO DETETIVE

A imagem de um investigador particular de Porto Alegre e um pouco de ficção

Detetive Resem. Não está na plaqueta. Não há plaqueta. Na entrada existe apenas um pequeno olho em papel colado no vidro da porta. Mesmo não havendo plaqueta para lembrar Ed Mort, detetive criado por Luís Fernando Veríssimo, é quase impossível esquecer alguns personagens da literatura quando se pensa em investigadores particulares.

Há 15 anos, Resem começou na profissão e em 1979 abriu uma agência de informações. O primeiro detetive fictício que se conhece, C. Augusto Dupin, iniciou sua carreira na primeira metade do século XIX, imaginado por Edgar Allan Poe. Era quase um amador e fazia investigações mais para exercitar sua grande inteligência e imaginação. Não é esse, certamente, o principal motivo de Resem para ser detetive. "Meu trabalho custa caro porque é perigoso, especializado e não tem horário definido", responde ele. Recusa-se, porém, a dar em números uma idéia de quanto cobra. De qualquer maneira, o custo não impede que o contratem, pois "dinheiro não é problema para meus clientes."

O escritório do detetive Resem fica num prédio bem conservado na rua da Praia. Não há sinal de decadência no edifício nem na sua sala. Ed Mort está longe. Talvez Sam Spade, dos livros de Dashiell Hammet, seja o mais lembrado quando se observa a decoração do escritório, justamente pela ausência de uma característica marcante. A sala de Resem propriamente dita parece com qualquer gabinete de um gerente administrativo. Estranha é a sua localização: dentro de um escritório de advocacia.

Figura esquisita e casos comuns

É fácil imaginar que a figura de um detetive não pode ser definida como a de um tipo comum, mesmo que isso fosse o melhor para a profissão. Mas as descrições da literatura são tão interessantes que o mais normal é querer vê-las personificadas em alguém. Naturalmente isso é muito difícil. Por exemplo, Nero Wolfe, criado por Rex Stout: seria pouco provável encontrar alguém que tivesse a cabeça tão grande que o simples movimento de levantá-la parecesse um esforço enorme - e mesmo assim ter um corpo proporcional a ela. Talvez Hercule Poirot, famoso personagem de Agatha Christie, fosse mais possível. Só que Resem não é baixo, tem cerca de 1,70m, mas aparenta menos por causa de seu volume, comum à maioria daqueles que justificam uma boa mesa. Não é gordo, no entanto. Os cabelos são longos mas



Naturalmente, Resem não deixa que fotografem seu rosto

não escondem a calvície que está começando no alto da cabeça, como uma tonsura irregular. Tem barba e bigode que se revelam cuidadosamente penteados. Olhos castanhos que poderiam ser mais penetrantes e dedos curtos. Suas roupas são de elegância padronizada, sem qualquer item especial além do revólver colocado num coldre preso na cintura, ao lado de um receptor de bíp. Difícil encontrar detetives assim na literatura. Durante a maior parte do tempo, Resem tenta criar uma impressão de mistério em torno de si, dando respostas lacônicas. Só que isso às vezes falha. Ele não diz todo o seu nome alegando razões de segurança. No entanto, basta dar uma olhada no seu escritório para ver um di-

ploma contendo dados pessoais completos emoldurado numa parede. Sobre a vontade de ser detetive, Resem diz apenas que "vem de berço". E parece que é mesmo verdade, pois antes de ser investigador ele foi aluno da Escola de Polícia militar e repórter policial da Agência de Notícias Geopress, em São Paulo - atividades que hoje talvez ajudem no seu trabalho. Depois disso tudo, Resem estudou no Instituto Politécnico de Investigações, ainda em São Paulo, largou seu emprego num escritório e foi ser detetive. Ficou seis anos por lá e depois voltou a Porto Alegre. Esse pequeno histórico lembra Sherlock Holmes, imortal criação de Conan Doyle, que só guardava na memória coisas que pudes-

sem ajudá-lo em investigações e interessava-se apenas por atividades relacionadas à sua profissão.

Apesar dessa pequena semelhança, os casos de Resem não parecem apresentar os lances emocionantes das histórias de Holmes. Desfalques em firmas comerciais e adúlteros são seus casos mais frequentes, ou seja, o tipo de serviço que exige mais esforço físico do que geniais deduções. Mas, às vezes, uma família quer descobrir quem fornece tóxicos a um de seus filhos ou quer encontrar alguém que desapareceu, ou ainda, um objeto que foi roubado. Sem, é claro, colocar a polícia no meio.

O relacionamento com a polícia, aliás, é uma grande diferença entre o real e o literário. Sam Spade, por exemplo, vive em conflito com os policiais e corre o risco permanente de ter sua licença de trabalho cassada. Resem, no entanto, faz questão de manter boas relações. "Quando um caso chega na área da polícia, o meu dever é entregar todas as informações que consegui." Conveniente ou não, esse comportamento garante a permanência do registro no DOPS e é previsto pela lei que reconheceu oficialmente a profissão em 1957 e foi complementada em 61.

Sem conhecer os livros, prefere a TV

Na imaginação da maioria dos escritores de histórias policiais, o detetive é freqüentemente um tipo solitário. Nesse caso, Philip Marlowe, de Raymond Chandler, é muito representativo. Sempre sozinho, ele é irônico, inteligente e, sem dúvida, tem uma personalidade muito interessante. Isto é, tem várias características que afastam a média das pessoas. Mas apesar da preferência pelos solitários, as equipes de investigadores não são novidade no mundo real nem no literário. No século passado havia a famosa Agência Pinkerton nos Estados Unidos. Nero Wolfe tem um assistente, Archie Goodwin, que faz toda a rotina da investigação, ficando para o chefe as deduções. Certamente essa divisão não acontece com Resem, mas há dois anos ele contratou uma equipe de homens e mulheres para auxiliá-lo no seu trabalho. Isso dá o conjunto da sua agência, a Politécnica de Investigações Resem. Comparar o imaginado com o que realmente acontece quase sempre desilude um pouco e talvez por isso Resem prefira a ficção que pareça mais ligada à vida. Seu detetive favorito é James Rockford, da série de televisão *Arquivo Confidencial*. "Ele é o que está mais próximo da realidade." Resem não conhece Philip Marlowe.

Antonio Guri

AS DESVENTURAS DE UM RADIALISTA A CAVALO



Foram duas noites de entrevistas. A primeira, o cabeçote do gravador boicotou. Talvez tenha sido uma sorte. Depois de consumidas três garrafas de “Velho Barreiro” e vários mates, João Batista Marçal acabou falando mais detalhes de sua vida. Ela é uma seqüência de peleias. Triste, mas engraçada

Extra - Veste a cavalo?

Marçal - Esta história do cavalo tá me criando uma série de problemas na cidade. Eu me presumo um cara até certo ponto revolucionário. Chego numa vila e o pessoal grita “olha o cavalo do Marçal”. É o maldito rádio. Virei palhacinho.

Extra - Como é que começou esta história de cavalo?

Marçal - O problema, tchê, é que ando sempre de bota, poncho e bombacha. Eu sou realmente um gaúcho a pé, mas profundamente vinculado às coisas do Rio Grande.

Extra - Tu é gaúcho a pé de onde?

Marçal - Eu sou de Quaraí, principalmente nascido em Quaraí. Eu tô em Porto Alegre há vinte anos. Aprendi muito das manias, dos hábitos e das frescuras da pequena burguesia. Sou um pequeno-burguês, me assumo como tal. Mas não abro mão de minha formação campesina. Sou filho de agricultor sem terra, de mãe lavadeira, numa cidade miserável como é Quaraí. Zona de terratenientes onde só o boi tem valor. Não nasci latifundiário e não tive vocação pra boi, virei jornalista em Porto Alegre.

Horst Knak

Ele traz no corpo as marcas de sua revolta, mas jura que vai morrer lutando

Extra - Como é que tudo começou?

Marçal - Minha primeira profissão foi lustrador de sapato e contrabandista. Fui chibeiro, padeiro e contrabandista. Depois fui radialista e contrabandista.

Extra - Que idade tu tinhas quando começaste a contrabandear?

Marçal - Com um pouco mais de seis anos eu já fazia uns contrabandinhos formiga. Tu leva um monte de cachaça brasileira pro Uruguai e traz um saco de farinha. Tu leva um balaio de banana, e traz um quilo de arroz e assim vai...

Extra - Como eram as relações com a polícia?

Marçal - Os uruguaios, a gente comprava a troca de cachaça, dava canha brasileira - que eles adoram - ou um cacho de banana para os infelizes. Com os brigadianos era mais caro. Os milicos são desgraçados, cansaram de nos tapar de balas por um saquinho de farinha.

Extra - E na convivência com os contrabandistas, brigadianos, sobrou o que?

Marçal - Eu cresci no convívio com os contrabandistas, com os peões de estância, com as lavadeiras, com os milicos, que me mostraram muito. Quando entrei no ginásio peguei de cara a presidência do GECA (Grêmio Estudantil Castro Alves) e dei uma incendiada na cidade. Eu tinha conseguido um dinheiro com os meus contrabandinhos, mas tinha uma fila de guri que passaram pro ginásio e não iam estudar porque não tinham dinheiro para comprar o uniforme. Então eu entrei e já deflagrei guerra. Fiz uma campanha popular e botei todo mundo pra dentro. E ali eu virei a ovelha-negra do rebanho de Quaraí. Em Quaraí fundei a União Quaraense dos Estudantes Secundários. Quiseram tirar uma diretora bem posicionada politicamente que nós tínhamos. Conduzi a primeira greve de estudantes da minha cidade. Tomamos conta do ginásio durante três dias. Aí veio a brigada e o exército e cercaram o colégio. Nós colocamos uns alto-falantes em cima do prédio e começamos a chamar a população: "vão avançar e nós vamos brigar". Do nosso lado tinha o povão que gostava de

"Não nasci latifundiário e não tive vocação pra boi. Virei jornalista"

briga. Os contrabandistas, acostumados a brigar com os guardas aduaneiros à bala, uns de relho, outros de fiação, vieram até a cavalo e cercaram o cerco que os milicos fizeram para nós. Eles avançaram e nós também. Aí os milicos arrepiaram, fomos para a negociação e ganharam.

Extra - Saíste corrido de lá?

Marçal - É, por causa da greve e outras maldades que eu tava fazendo lá. Eu saí

daquele cu de mundo e vim direto prá cá. Cheguei aqui em 63 e fui parar numa pensão no Navegantes junto com a minha mulher. Eu tinha uns vinte anos.

Extra - Quando é que começaste a trabalhar?

Marçal - Eu queria ser auxiliar de escritório. Era meu sonho, mas eu nem sabia bater máquina. Fui trabalhar como servente da indústria Axel. Trabalhei lá durante três meses, depois me passaram direto pro escritório. Em seguida me botaram prá rua, por incompetência. Em 68, fazia poesias e crônicas para jornal e até publiquei um livro. Foi quando entrei como repórter policial da Zero Hora, por indicação de amigos da Assembléia Legislativa. Aí comecei a crescer politicamente. Passei a ser assediado pelo pessoal da esquerda. Eu nem sabia quem era. Eu tô naquele conflito campo-cidade, alguns grupos tão saindo pra guerrilha, me dá vontade de sair. Um dia chegou aquele que seria o cabeça deles e me disse: "O senhor foi escolhido para comandar um grande grupo de homens e terá todas as armas de que precisar. Tu vais salvar a massa". Aí o cara me veio

Esse tal de Trotski se não é de Quaraí, eu não confio nele

com um discurso que eu não entendi: "nós somos a vanguarda proletária, porque Trotski dizia..." E eu muito grosso pensei: "o Trotski é um cara que tá aí fora". Aí eu digo: "Olha tchê, vamos pará com essa conversa. Primeiro, tu me diz que vamo salvá o povo e o povo não sabe disso. E esse tal de Trotski, se não é do Quaraí, eu não confio nele."

Extra - Como foi a tua experiência como repórter policial?

Marçal - Tão marcante, que de repente me confundiram com um rato. Foi através da reportagem policial que eu comecei a fazer uma das coisas mais bonitas que eu conheço, que é atuar nas vilas. A minha visão passou a ser jornalística, funcional e eu levei isso muito a sério. Na minha primeira fase, eu fui a figura tradicional do repórter, misto de marginal e vagabundo; burrão e alienado. Abria os meus textos usando as palavras do delegado. De vez em quando eu falava no vagabundo. Só que não tinha fato noticioso nisso.

Extra - Tu te davas conta disso?

Marçal - Aos poucos fui clareando. O meu primeiro editor de polícia foi o Antônio de Oliveira, mas a turma que ele comandava não era mole. Tinha uma tropa de ratos só preocupados em fazer louvação à polícia. Às vezes eu me dava conta das coisas horríveis que eu tava fazendo e fui aprendendo.

Extra - Aprendeste a defender o vagabundo?

Marçal - Esse processo foi tão grande, que de repente eu estava vivendo e agindo como um policial. Um dia estourou o negócio. No caso do "monstro do Sarandi". Ele arrastou uma guriuzinha de sete

anos pros matos, estuprou, fez misérias, matou da forma mais selvagem que já vi. Eu acompanhei a polícia dois dias na caçada do "monstro" e eu vi abrirem a sepultura. Saiu a perna de uma criança, o resto do corpo, foram juntados os pedaços da guria. Me cresceu um ódio que

Imagina essa minha linguagem na Guaíba. Bah o velho Breno ganha um filho

chorei. Mas logo voltei à seriedade, porque o rádio da polícia estava avisando que tinham pego o vagabundo. E eu queria ir para o plantão central. Daqui a pouco, eu tô na sala do plantão. Entra o comissário, com o cara algemado e me diz: "Marçal, é teu! Dei um socão com as duas mãos no peito do cara, joguei ele contra a parede. Tu vê: um repórter policial espancando preso. Quando ele caiu contra a parede, eu baixe as mãos e pensei: "minha santa mãe de deus, onde é que eu fui parar". Aí me dei conta do absurdo, eu saí chorando, prá redação. Tomei um mé no caminho, prá me acalmá, não consegui, e fiz aquela porra de texto. Só voltei lá uma semana depois e disse: olha nunca mais quero ser repórter policial.

Extra - Mas não conseguiu.

Marçal - Não.

Extra - Como é que foi tua passagem do jornal para o rádio?

Marçal - Foi episódica. Eu tava no pronto-socorro municipal como repórter e naquela época tinha o repórter de rua, que pegava a notícia, passava pro redator, esse escrevia e o locutor ia dar a notícia. Era um processo lento. E deu um baita de um acidente na João Pessoa e não tinha quem desse a notícia. Mas o acidente era muito grave. A Guaíba ia dar... E naquela briga pra ver quem ia dar primeiro, os caras não tiveram outra alternativa: bota então esse louco do Marçal. Eu pego o telefone, com todo cuidado e entrei: "Pois olha meninos, deu um baita arranca-rabo. Um acidente feio como rodada de cusco em ladeira, aqui pertinho", e eu dizia apontando. "Tem uns morto, coisa feia. Olha a dona Joana, por exemplo, quebrou a perna. Essa guria, coitada, tá mal". Eu não sei se os caras riam ou choravam, mas eu estava muito à vontade. A minha notícia era diferente, colorida. Eu sempre fui um cara muito criativo e como repórter de rádio, eu vivia numa angústia permanente. Tu tens que dar notícia de 15 em 15 minutos. Mas às vezes passa o dia inteiro sem acontecer nada de desgraça. Numa tarde de vacas magras eu tava de plantão e faltavam dez minutos para entrar no ar. Aí entrou um daqueles velhos ratão aposentado e diz: "olha, não tem nada de notícia, a não ser que tu queira uma véia xarope, roubaram a vaca dela". E entrei com a notícia: "Teve aqui no plantão central a dona Joana, moradora do morro de Santa Teresa, que chorou grossas lágrimas de crocodilo, porque uns desgraçados vidas-tortas roubaram a vaca barrosa. Dizem que a vaca anda por aí, chorando de saudades da dona Joana". Fiz uma deitação, eu sei que enchi a língua. Os caras se mijavam de rir.

Extra - Aí tu começaste como repórter, te deram um programa?

Marçal - Fizaram um programinha policial pra mim. Era das sete às oito da manhã, *Patrulha da Cidade*. E olha tchê, deu um puta de um ibope porque o repórter dava a notícia com sarro e eu fazia mais deitação em cima. Eram duas horas de deboche. Depois, larguei a Guaíba e fui pra Farrópilha. Lá me deram um programa, *Cidade Aberta*, de duas horas onde eu era a figura central.

Extra - Marçal, em quantas rádios tu já trabalhaste em Porto Alegre?

Marçal - Acho que umas dez ou doze. Na Guaíba eu não trabalhei. Imagina essa minha linguagem na Guaíba. Bah, o velho Breno ganha um filho. A linguagem que eu uso em Porto Alegre é a das minhas raízes campesinas, da qual não consigo e nem quero me libertar. Mas também tem muito da minha vivência com os malandros, a polícia, as putas, os traficantes e bandidos de Porto Alegre. Daí essa linguagem colorida.

Extra - Qual a tua relação com esses caras?

Marçal - A melhor do mundo. Sou um cara muito amado por uma tropa de assaltantes, putas, gigolôs, graças a Deus.

Extra - Foi gritando por eles que tu acabaste enquadrado na LSN?

Marçal - O negócio é o seguinte: andaram fazendo uma injustiça com um advogado aí, preto, pobre, fudido. Uma máfia que atua no Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul. E eu denunciei isto. Chegaram a decretar a prisão preventiva deste advogado por crime de ca-

"Eu tenho encantos pela libelu. Ela faz mil bobagem mas tem um passado"

lúnia e difamação. Eu fiquei muito puto da cara. Fui pro microfone e disse cobras e lagartos, desanquei o pau: "Que justiça mais calhorda, mais burguesa, mais suja. O povo tem razão em não confiar nessa Justiça. Ela é feita prá explorar, prá massacrar".

Extra - Vamos partir para um outro papo. Por que a opção pelo PT?

Marçal - Porque o PT é a coisa mais bonita que tem neste país. Tchê, a minha opção pelo PT é porque ele é basista, tem um programa novo. E um programa que transpira revolução. Na verdade, eu tô muito intolerante com a ditadura. Tenha o defeito que tiver, o PT não tá a serviço do governo. O pessoal atira lama na libelu, por exemplo. Para aí, tchê. Devagar com o andor. Eu tenho encantos pela Libelu. Ela faz mil bobagens, mas tem um passado. Eu vi ela arrastar a massa nessa cidade, eu vi estes guris apinharem na rua, pô! Eu quero respeito por eles.

Extra - E até a LSN, tu eras candidato pelo PT?

Marçal - Não, mas mesmo assim minha candidatura estava brotando nas vilas. A



Horst Knak

nossa idéia é que em cada vila o PT lance um candidato de base, porque a lama que existe contra o PT é dizer que ele é PE, Partido Estudantil. De repente, isso afasta o operário, mas vai chegar o momento em que o PT vai ser o PT que a gente sonha.

Extra - Como é o teu relacionamento com os patrões?

Marçal - Neste momento é bom, porque eu dou IBOPE e isto é dinheiro. Os patrões me respeitam. Por exemplo, há dois anos eu estava na Caiçara, quando os meus colegas resolveram me escolher para delegado sindical. O Gadret pensou: "Não vou dar imunidade pro Marçal" e me chamou. "como é esse negócio de delegado sindical?" Eu disse que não sabia, que o problema era dele. "Faz o seguinte, vai no caixa e pega o teu dinheiro. Daqui a uns meses me procura que eu tenho serviço para ti". Foi a resposta dele, que pelo menos não foi cínico, tava defendendo seus interesses.

Extra - Tu ainda estás trabalhando com o Teixeira?

Marçal - Tava, eu fiz um filme com ele.

Extra - O Teixeira é do PDS...

Marçal - Aí é uma questão toda especial. Realmente ele assinou ficha no PDS, mas o Teixeira não entende porra nenhuma de política.

Extra - Ele é usado?

Marçal - Na última eleição, ele ganhou uma fortuna porque fez a campanha do Strassburger. O Teixeira é um comerciante, um empresário. Se amanhã o demônio pinta como candidato e dá um balaio de dinheiro prá ele, o Teixeira faz campanha pro demônio.

Extra - Qual foi a maior denúncia que tu já fizeste no rádio?

Marçal - A dos colonos de Nonoai, expulsos naquela briga com os índios. De lá trouxeram os colonos e colocaram onde? No Parque de Exposição de Esteio. Isto me doeu, eu fui pro microfone e falei: "Vejam vocês, no lugar onde o latifundiário expõe seu gado gordo, um novo espetáculo. Gente arrebanhada do campo, gaúchos que estão sendo corridos daqui e que vão ser jogados no Mato Grosso. Numa terra onde sobra terra, estão correndo meus irmãos do Rio Grande. Isto só pode acontecer numa sociedade capitalista e suja como esta em que a gente vive." Terminei o comentário e tava despedido.

Extra - Nestas tantas por que tu já passaste, a gente olhando prá ti vê algumas cicatrizes e o dedo torto. Tu já apanhas-te muito?

"Se o demônio pinta com um balaio de dinheiro, o

Teixeirinha faz campanha pra ele

Marçal - Já levei muito pau faceiro por aí. Uma vez, em Santa Catarina, me deram um pau numa cidade que me botou em estado de coma num hospital.

Extra - Qual foi a cidade?

Marçal - Ascurra. Existe. Ascurra é uma colônia italiana, onde se pensa italiano, se come comida italiana e se fala italiano.

Marçal consegue reunir público até quando não está trabalhando. Nas duas noites em que fizemos a entrevista juntou gente para assistir. Só que a platéia não resistiu e acabou entrando na conversa. No final, alguém reclamou: "Por que vocês não botaram um cartaz avisando?"

Aquela gente não toma água. Só toma vinho, tché. Eu passava borracho o dia inteiro. O prefeito de lá não sabia falar português. Eu fui convidado em Blumenau, em 69, por um grupo meio de esquerda, prá derrubar uma tropa de ladrão, que tava acampada na prefeitura de Ascurra. Aceitei o desafio. Eu fazia o jornal lá em Ascurra e tinha uma rádio na minha mão. Era um pau feroz. A coisa mais terrível que eu já fiz na minha vida. Eu dizia assim: "sua bicha, seu ladrão, cornol!" Uma vez a minha guarda pessoal descuidou na hora de fazer o programa e os caras invadiram a rádio. Foi um tiroteio que eu não sei como escapei com vida de lá. Eu comandi uma revolução popular em Ascurra, prá derrubar uns pelegos da prefeitura. Eu subi

a serra armado até os dentes, com capanga e muito dinheiro no costado, depois desci com toda aquela italianada cheia de maldade na cabeça. Credo rapaz, seria uma loucura! Tomamos conta da prefeitura. Foi pau que não foi moleza. Fizemos o baile da vitória na Igreja de Ascurra. E eu caí na asneira de buscar um uísque na copa, onde tava o pessoal derrotado. Me arrastaram pelos cabelos prá dentro, me deram um pau faceiro. Eu fui prá cidade de Rodeio, ali pertinho. Fiquei dezoito dias no hospital desmontado a pau. Foi uma loucura.

Outra vez, em Porto Alegre, me prepararam uma sacanagem. Quando eu vim de Santa Catarina, eu trouxe uma mulher muito linda comigo. Ela se chamava Benny e tinha sido miss Blumenau. Naquelas andanças, tava nascendo em Porto Alegre a rede de bordéis da dona Marion. O primeiro grande cabaré que ela teve se chamou Caverna. Quando entrei lá já senti aqueles mexe-mexe. A direção da casa botou o olho na minha mulha. Uma hora eu tenho que ir no banheiro, né tché, e quando eu saio do ba-

neiro, vejo um monte de mulher - gente da Marion - a fuséu em cima da minha mulha prá que ela ficasse na casa. Viram que a gente era de fora, com a minha cara de grosso... Queriam prosti-

"Me arrastaram pelos cabelos e me deram um pau faceiro"

tucionalizar a minha mulher. Quando voltei parece que acalmou o troço. A gang da Marion se retraiu. De repente a Benny tem que ir no banheiro. Cercaram minha mulher, queriam que ela ficasse lá dentro. Quando vi aquele corre-corre de mulher no banheiro, fiquei meio cabreiro. Esta passagem me deu a dimensão dessa cafetina que tá, travestida de empresária, que é a dona Marion. É uma traficante, uma mafiosa. Eu tive na minha carne esta experiência. Quis botar a minha mulher naquela quadra, pô!

Extra - E a surra na delegacia?

Marçal - A pauleira na delegacia foi consequência dessa minha fúria e do meu combate à corrupção policial. A Benny voltou para Santa Catarina. Voltei a ser repórter policial. Naquela época era terrível. Tudo quanto era ratinho sujeira de Porto Alegre tinha um cargo de leão-de-chácara. Espancavam, matavam, faziam o diabo. E um grande grupo destes, a serviço da Marion. Então, eu comecei a tocar ferro, comecei a sacar estas coisas

e a denunciar no jornal. Tentaram me comprar. Tem um advogado da Marion que veio prá mim e ofereceu: "tá vendo aquele carro aí? É teu". Tudo isso prá não sair as notícias da Marion. E eu guentei. No outro dia eu me incendiava mais. Eu envenenava: botava detalhes e esquentava bem. Todos estes ratos queriam a minha cabeça. Numa madrugada, o delegado João Magalhães Neto, funcionário da Marion, e uns caras que controlavam a máfia dela, me armam uma arapuca e eu entro. Quando vi, já tô arastado para a sala do Magalhães. Aí ele me olhou e falou com o cachimbo na boca: "eu disse para o senhor que o senhor ia se dar mal".

Ao lado dele o inspetor Castilhos, que também era repórter policial. Olhei aquela cara e toquei-lhe a mão nos cornos. Se vai me autuar, tudo bem, não tem saída. Aí me algemaram, me deitaram no chão e fizeram uma rica de uma festa. Me quebraram, fiquei aleijado. Arrebentaram o meu tendão. Esse braço aqui (levanta a manga da camisa e mostra o cotovelo esquerdo) se fudeu todo. Esta mão aqui (a esquerda) tá aleijada até hoje. Mas ficou este dedo ainda (aperta um gatilho no ar). De repente a gente se acha.

"A Marion é uma cafetina travestida de empresária"

Extra - Como é que tu achas que vai morrer? Tocaiado?

Marçal - Acho que tocaiado, não. Porque a situação está explosiva neste país e não vai guentar mais cinco anos. Eu não vou estar na frente do povo, eu quero estar ao lado dele. Eu quero morrer peleando.

Tchê, eu tô na casa dos quarenta. É uma fase em que eu parei para pensar, desceu o astral dos quarenta. Sabe o que é isso? É um papo muito sério.

Extra - Quer dizer que o astral dos quarenta não é frescura?

Marçal - Não, ele existe. As pessoas são cínicas, as vezes escondem o troço, mas existe. Na mulher dizem que é terrível. Na mulher não sei, mas em mim...

Extra - Esse astral não vai levar o Marçal a se acalmar?

Marçal - Quando veio a crise existencial, eu parei prá pensar e fiquei cabrito: "não tô entendendo nada". Mas continuava fazendo o que eu sempre fiz. Eu tenho mais é que seguir em frente na minha batalha. Então hoje, prá responder com toda a clareza, eu sou um homem na casa dos quarenta que continua tão furioso quanto nos dezoito, vinte ou trinta anos, e se consegui me manter até aqui com um pouco de dignidade, não a quero vender, é o único patrimônio que eu tenho, além das amizades. Porque eu tenho uns caras como amigos, por exemplo, o Delmar Ávila, o Magrinho: motorista de praça, líder na Vila Tio Zeca. Este cara é meu amigo há muitos anos, nós iniciamos juntos o processo de discussão política dentro da vila. Ele mora numa maloca caindo aos pedaços. Esse



cara é dono de um barracão dentro da vila, onde se faz bailes, onde a associação se reúne. A tropa do Luís Vicente Dutra, da Fundação Riograndense de Assistência, queria entrar lá dentro e virar aquela sede em um comitê do PDS e o Zanella queria a mesma coisa. Então foram atrás do Magrinho e ofereceram prá diretoria da associação cinco escrituras de apartamento e 600 mil pela maloca. E o Magrinho mandou eles tomar no cu. Então, prá me vender, tenho que pensar no Magrinho. A proposta que o Magrinho mandou jogar no lixo, muito jornalista aqui de Porto Alegre abraçaria sorrindo. E vocês sabem que isso, infelizmente, é verdade.

Extra - Como iria se portar o Marçal no programa de TV, que acabou não saindo? Seria um programa marca-diabo?

Marçal - Bom, eu tinha bem claro uma coisa: eu faria esse programa uma semana e no oitavo dia estaria despedido. Imagina eu, com toda a minha fúria, botar o dedo na cara, ficar olhando olho a olho em cima deles.

Extra - Qual foi o teu primeiro contato com o sindicato?

Marçal - Foi com os metalúrgicos. Na época em que cheguei em Porto Alegre, eu fui numa assembléia, onde estava o guru dos metalúrgicos, o Mesquita. Um grande populista. E eu achei um troço tão xarope. Uns velhinhos na mesa diri-

gindo uma massa apática, sem nenhuma participação, manobrada, dirigida.

Extra - Qual a tua opinião sobre o sindicato dos jornalistas e radialistas, hoje?

Marçal - Dois sindicatos pelegos. Monumento ao peleguismo sem nenhuma radicalização, sem liderança, participação ou representatividade. A diretoria dirige de costas para a categoria. Representa uma herança populista dentro do sindicalismo brasileiro, que tem de ser repudiada. E a unidade sindical está aí. Nós estamos muito mal representados. Eu gosto muito do Lauro Hagemann. Ele comandou a primeira greve dos radialistas do Rio Grande do Sul, tem um passado belíssimo. E hoje quem é o seu Lauro Hagemann? É o atravancador das lutas da categoria.*

Extra - Tu te consideras líder na categoria?

Marçal - Tchê, eu acho que tentei. No Diário de Notícias eu realmente era o guru. Naquele momento eu não tinha a visão que eu tenho hoje da categoria e sonhava em tirar aqueles pelegos de lá. Quer ver uma coisa: há quatro anos atrás a categoria estava as portas da greve. Nunca estivemos tão próximos da paralisação, fomos às ruas, foi incrível. Agitei

*No final de outubro, o presidente do Sindicato dos Jornalistas de Porto Alegre, Lauro Hagemann, repudiou publicamente o enquadramento de Marçal na Lei de Segurança Nacional e pôs o sindicato a sua disposição.

toda a minha base. Altas discussões, faço uma paralisação, faço duas, e aí o diretor do jornal veio falar comigo: "Marçal, tu quer fechar o jornal? Que que tu quer Marçal?" Aí, no meio da redação, todo mundo ouvindo. Sinfrônio disse: "te dou a chave do jornal, mas que a terceira greve venha, quando pararem o Correio e a Zero". Discutimos com todo

"Eu faria um programa na TV uma semana e no oitavo dia estaria despedido"

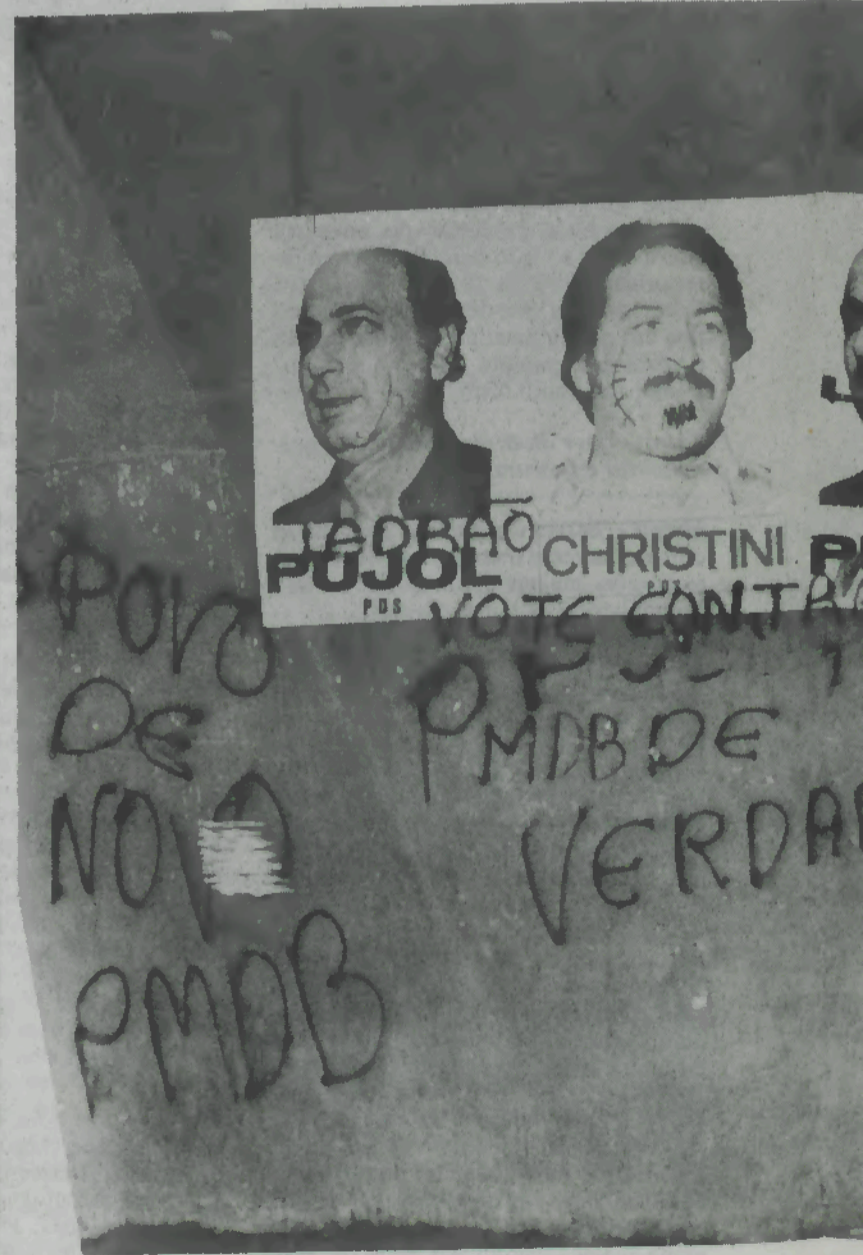
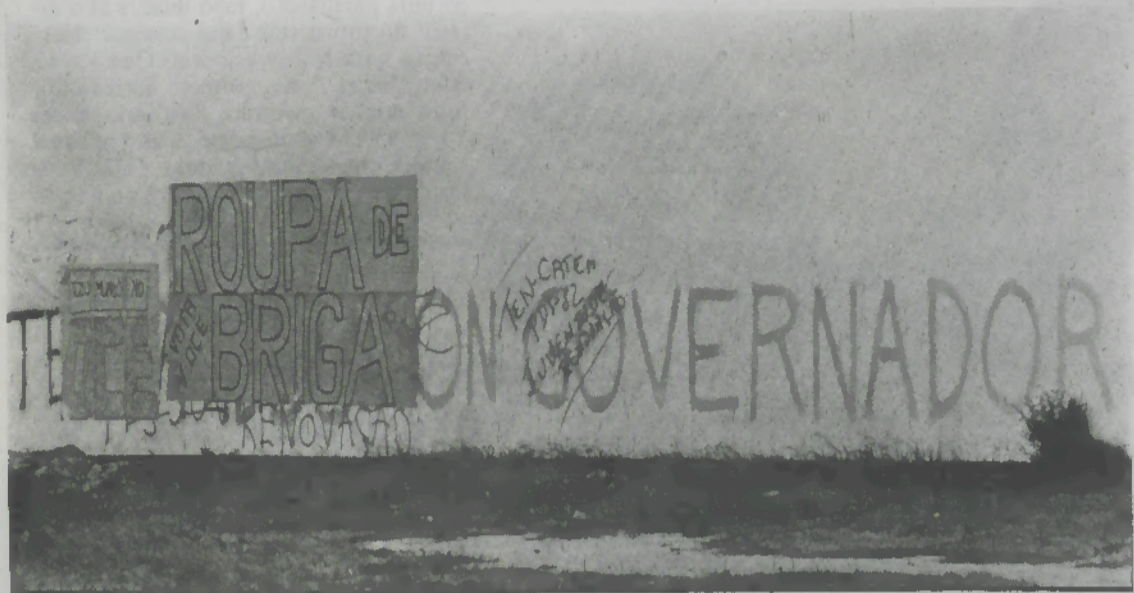
mundo, gráficos, porteiro, faxineiros. Tiramos um manifesto do Diário e fomos prá assembléia do sindicato. Quatrocentos jornalistas reunidos. Cheguei e comuniquei para a massa toda. O Elvio lê o documento da base, dizendo que o Diário de Notícias está esperando que pare o Correio do Povo e a Zero Hora. Nós já estamos parando. E naquela hora a categoria amorceou.

Extra - Quem amorcega mais: os grupos organizados ou a massa? E dos grupos organizados, quem tranca mais?

Marçal - É a direção do sindicato, o grupo do partidão e os editores. Porque os editores se consideram os privilegiados na redação. Um cacique sem índios, mas ele têm cargo. Num mercado de trabalho fechado como este, prá ele isso é suprasumo. Ele tem que segurar. Uns caras com um carguinho deste tamanho, mais patronal que patrão.

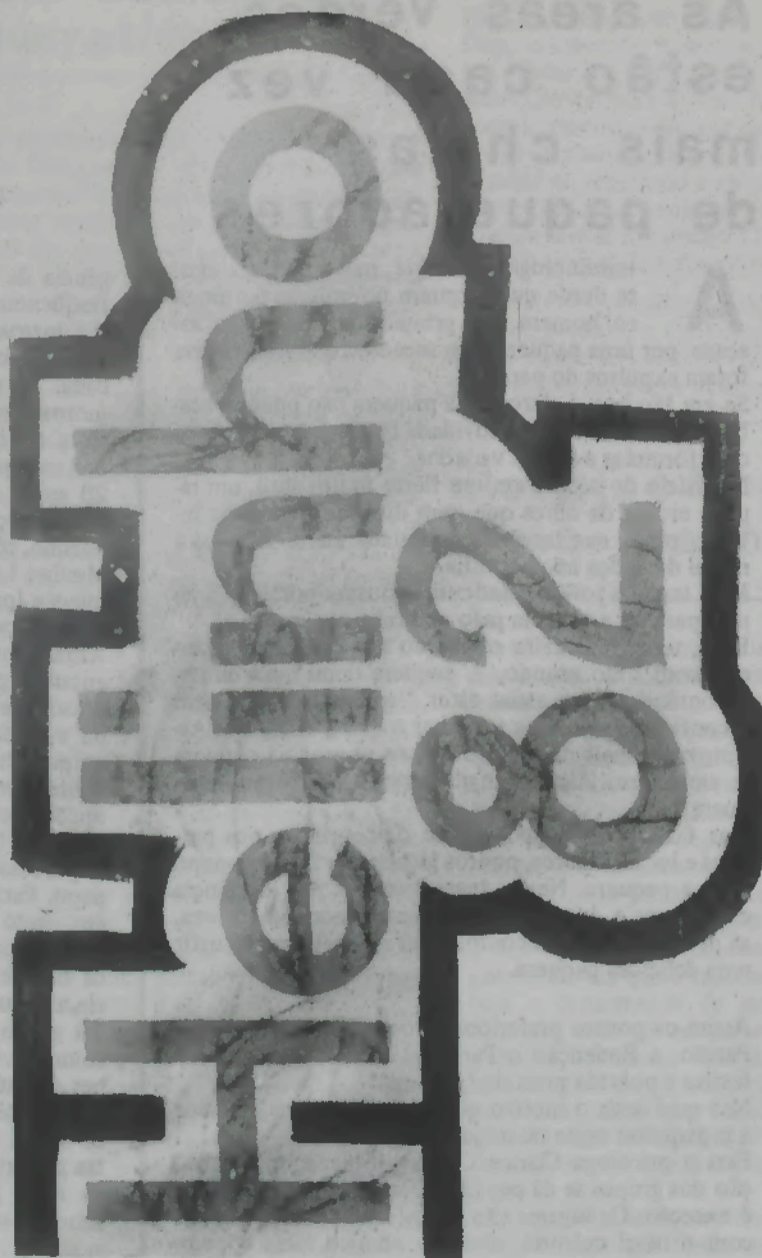
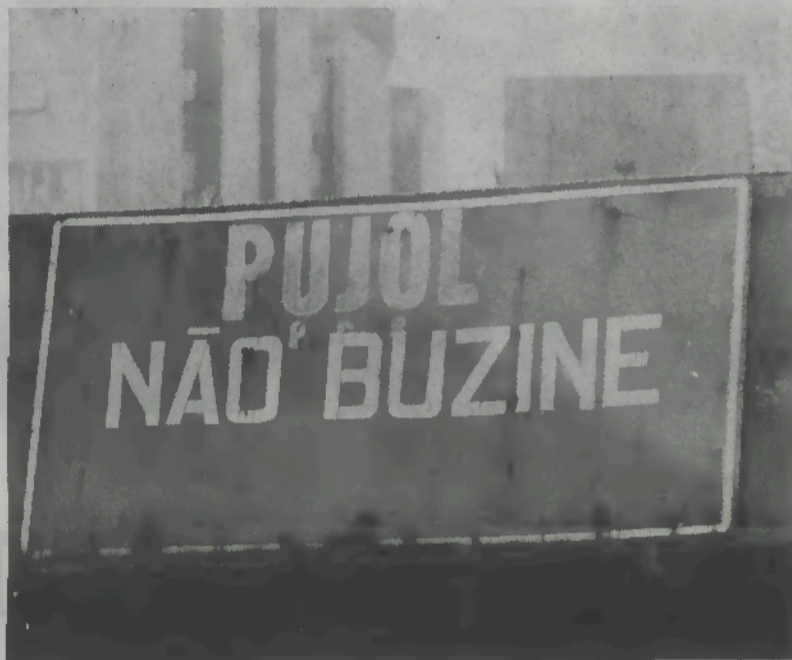
Extra - Se tu fosses assaltado, o que tu farias?

Marçal - Tentaram me assaltar, faz algum tempo. Tinha um vagabundo em baixo de uma árvore. Botou uma mina e ela veio me pedir fogo. Ele lá. Eu tô dando fogo prá ela e de olho nele. Ele sem camisa, tô vendo um baita berro e ele com a mão tapando. Aí, já nem dei fogo prá ela, dei um cigarro. E aí vem vindo o cara. E eu disse: "olha negra, eu só tenho um cigarrinho, tô fudido mesmo, eu queria tomar um baita trago e tô a perigo". E o cara vem vindo. De repente eu me viro e o cara me olhando, muito chapado. Ela fazia o *agá* e ele vinha prá me assaltar, pensando que eu era um burguês. E aí eu falei prá ele: "aí meu irmão, devagar, olha aí eu tô tri fudido". E fui chegando em cima dele, porque ele, muito pirado, puxa aquela merda e me apaga de graça. Ele me olhou, e lá atrás da árvore tinha uma rica duma cachaca. Aí batemos um papo. "Olha aí, nós somos tri irmão: eu sou o Marçalzinho, só irmão do nego Edu da Tuca, só irmão do Magrinho, da Tio Zeca. E nós fizemos um ritual, muito trago e pouca conversa, ele muito chapadão. Argumentei uns tróços e depois do trago, me mandei.



A GUERRILHA DO SPRAY

Fotos: Cecília Silveira, Gilberto Lima, Horst Knak, Vilmar Holz



Um festival de pichações. É o retrato de Porto Alegre a um ano das eleições. Em qualquer ponto da cidade, os muros, postes, viadutos e tapumes de obras se tornaram murais de propaganda política.

A ponto de criar uma disputa acirrada entre os candidatos, principalmente em locais de maior movimento. Quem começou a pichar foi o PDT, em meados do ano passado, revestindo o muro da avenida Mauá com as primeiras inscrições. Não demorou muito, a cidade foi invadida por pichações de candidatos de todos os partidos, com exceção do Partido dos Trabalhadores, o único a condenar a campanha fixada a partir de pessoas.

Segundo Paulo Carneiro, secretário regional do PT, "este tipo, de propaganda desacredita a capacidade de inteligência do povo." Desacreditando ou não, o objetivo das pichações é evidente: vender o candidato pelas inscrições, pela insistência. Segundo um porta-voz da coordenadoria do Partido Democrático Trabalhista, "o importante é gravar o nome do candidato na mente do trabalhador que passa até quatro vezes por dia pelo muro da Mauá." Há os que apelam para um certo requinte.

É o caso do candidato Hélio Wolfrid que, mesmo sem a autorização do Partido Popular, tem hoje

seu logotipo, "Helinho 82", o mais bem elaborado, espalhado pela cidade e impresso em camisetas, réguas e caixinhas de fósforos. Só que estas táticas podem não ter o resultado esperado nas urnas. Alguns eleitores de Porto Alegre acham que as inscrições não exercem influência positiva em sua decisão de voto nestas primeiras eleições importantes dos últimos 17 anos. Muito pelo contrário. Há os que se negam a votar nos candidatos que sujam a cidade.

Pichações por amizade

Outros vão ainda mais longe. É o caso da advogada Maria Hermínia: "O partido ao qual pertence o candidato deveria ser punido com vultosa multa pecuniária." A única opinião unânime entre os populares e políticos é que a poluição visual termina por agredir o paisagismo da cidade. Porém, ninguém se responsabiliza pelas pichações: nem o partido nem o candidato. Todos dizem que são cabos eleitorais, simpatizantes ou amigos que picham por aí. O certo é que existem peritos, quase profissionais no ramo. O mais conhecido é Adão Knaak, o "Foguinho". Fiscal de obras, seu prazer maior é pichar, trabalho que faz desde 1950, por todo Brasil, e que já lhe rendeu algumas prisões. Em troca, recebe gratificações. "Nunca dinheiro", afirma. De qualquer forma, Foguinho, como os demais "profissionais", não picha indiscriminadamente. Admirador de Brizola, Foguinho picha apenas para os candidatos do partido trabalhista. Mas como outros pichadores, não deixa de aproveitar esta época de vacas gordas. Afinal, desde 1962 não há eleições para o governo de estado.



A paquera sai para as praças e fica cada vez mais aberta e ousada

A DOCE BATALHA

As áreas verdes estão cada vez mais cheias de paqueradores

A terminologia é recente, mas a paquera existe desde que surgiram no mundo o primeiro homem e a primeira mulher. Não foi acaso, por uma paquera bem sucedida que Adão e Eva foram expulsos do paraíso? Se era tão boa, é claro que a paquera não poderia acabar. Ao contrário, a criatividade humana a enriqueceu com fórmulas e estilos variados. No início do século era um flerte muito sutil, um rápido cruzar de olhos que, sem dúvida, provocaria intenso rubor nas faces da imaculada dama. E mais: a moral da época não permitia. Mais tarde, a jovem casadoura já ousava postar-se à janela para ser admirada pelo mancebo apaixonado. Hoje, uma verdadeira revolução nos costumes balançou com todo mundo. A paquera ficou mais direta, espontânea e, por assim dizer, "apimentada". Já nem é considerado ousadia a mulher tomar a iniciativa. Assim, nada mais natural do que os pontos de paquera se ampliem. Aliás, hoje qualquer lugar é lugar de paquera. Mas faz pouco tempo que se descobriram, nos parques e locais abertos, pontos ideais para um bate-papo e uma paquera. Nestes lugares, talvez por influência do ar puro e do contato gratificante com a natureza, as pessoas sentem-se confortáveis e libertas para curtir uma deliciosa paquera.

Assim, os pontos preferidos pelos paqueradores são o Parcão, a Redenção o Parque Marinha do Brasil e a festiva e poluída praia de Ipanema. Mas qual seria o motivo que leva determinada pessoa a ir paquerar neste ou naquele lugar? Para a psicóloga Clarice Costa, o mecanismo de atração dos grupos se dá por identificação. A paquera não é exceção. Os lugares vão ser selecionados de acordo com o nível cultural, sócio-econômico, pela conver-

gência de gostos e opções de lazer. Os paqueras que freqüentam o Parque da Redenção possuem, na média, instrução primária e têm baixo poder aquisitivo. No Parque Moinhos de Vento a paquera é mais sofisticada. Lá se encontra a garotada "in" da cidade; tem motos e carros estacionados, muito som e muita bicicleta de 10 marchas circulando. Seus freqüentadores pertencem à classe média, a faixa etária vai dos 13 aos 20 anos, com grau de instrução mais elevado e uma identificação significativa por esportes como automobilismo, tênis, natação e basquete. Maribel Lemos, 18 anos, praticante de *wind-surf*, freqüenta Ipanema. Mas reclama: "Paquerar aqui já está uma barra; haja gasolina para atravessar toda a cidade. Atualmente venho mais pelo *windsurf*." Maribel, no entanto, parece ser exceção: o movimento lá é tão intenso que o trânsito é interrompido em certo trecho da avenida Guaíba. Nesse local, formam-se animados grupos de paquera que colorem e alegrem a praia. Junto com a paquera há um perfeito equilíbrio nas opções de lazer: *windsurf*, sol, um chopinho gelado e um papo bem descontraído. O processo é o de sempre: depois de um olhar, vem o papo. Está iniciada aí mais uma amizade, colorida ou em preto e branco. "Depende de quem pinta", diz René Meira, 20 anos, *gay* que patina e paquera todos os fins de semana no Parque Marinha do Brasil. Para ele, a paquera ainda está difícil. "O gaúcho é machão por natureza e preconceituoso acima de tudo." Mas René sente-se gratificado por saber que uma platéia enorme assiste a suas demonstrações de técnica e arte sobre patins. Aliás, no Marinha do Brasil os pontos de paquera convergem para as pistas de patinação e *skate*. Nada impede, porém, que lá na pista de ciclismo dois paqueradores perdidos se achem e se curtam.

Marília Martins

A polícia prende consumidores e traficantes e a sociedade discute o uso da maconha



Cojornal

NA MIRA DE TODOS

Quem passasse pelos fundos da Faculdade de Economia da UFRGS, na tarde de 18 de setembro, assistiria a uma cena cada vez mais comum: cerca de vinte universitários fumavam maconha. O objetivo dessa reunião, intitulada "A Festa do Sol", era fazer um ato de contestação à repressão contra o que o juiz carioca Álvaro Mayrink definiu como "um hábito e um costume de toda uma geração".

Mayrink, que, em agosto de 1979, absolveu o jovem Luís Alberto Pessanha, de 18 anos, acusado de porte de maconha, é uma exceção. Para a polícia, que desde julho deste ano vem intensificando a repressão à maconha, uma ação destas não é vista com bons olhos. Essa opinião é solidamente respaldada com a prisão de Luiz Newton Galeano, o maior traficante do sul do país, através da mobilização de um grande aparato policial, com a participação da Delegacia de Tóxicos de Porto Alegre, Delegacia de Sapucaia do Sul e Polícia Federal.

Mas qual o verdadeiro motivo para que isso acontecesse agora? O delegado de tóxicos, Luiz Carlos Muniz, explica esse surto de prisões e apreensões de tóxicos, como sendo a conclusão de longas investigações. Segundo a imprensa, Galeano já fugia da polícia há cerca de dois anos. Um simples cumprimento da lei? Não é o que pensa o traficante Amarelão, que não revela o nome por motivos óbvios. Para ele, a atual mobilização policial contra os tóxicos "não passa de uma onda de moralismo, uma maneira da polícia mostrar eficiência".

O próprio delegado Muniz admite essa eficiência, quando fala sobre os métodos utilizados pela polícia nas investigações de tóxicos: "o que nós precisamos é a certeza de que a pessoa possui a mercadoria. Para isso, o primeiro passo do policial é infiltrar um comprador. Em caso de venda da erva e constatação do tráfico, a diligência é efetuada".

Para Amarelão, parte dos agentes policiais, que ele chama de ratos, vendem a maconha apreendida nesses ataques. Essa mercadoria teria suprido pelo menos

metade do mercado de uma tonelada mensal, deixado em aberto com a prisão de Galeano.

Um comércio lucrativo

A primeira e mais veemente negativa é do Delegado de Tóxicos. "A maconha apreendida é destruída, queimada", garante Muniz. "É um ato bastante solene, em que participam os delegados de tóxico e da Polícia Federal e o secretário da saúde. Passamos a tarde inteira queimando maconha".

Essa destruição não impede que haja grandes lucros com o comércio de tóxicos. Nos Estados Unidos, por exemplo, um estudo do Serviço de Repressão aos Tóxicos de Miami garante que o mercado da maconha rende entre treze e vinte bilhões de dólares anuais, ou 1,7 trilhão de cruzeiros - mais do que o orçamento brasileiro, que em 1980 foi de 877,9 bilhões de cruzeiros.

No Brasil, no início de 1980, "eram consumidas cinco toneladas de maconha por dia", afirma o criminólogo Heber Soares Vargas. Nessa época, a maconha era vendida por volta de 8 a 12 mil cruzeiros o quilo. Atualmente, os preços oscilam entre 80 e 100 mil cruzeiros. Este é um ponto positivo para quem defende a legalização da maconha, isto é, seu comércio legal seria transformado em uma fonte de renda para a Nação, em forma de taxas e impostos.

A legalização já tem defensores até na área política, como é o caso de Luís Galvão - que em parceria com Pepeu Gomes, compôs a música "O mal é o que sai da boca do homem". Candidato à deputado federal, pelo PMDB baiano, Galvão faz sua campanha com o slogan *Baseado na desmarginalização*.

O Deputado Federal paulista Erasmo Dias, ex-secretário de segurança de São Paulo, diz que "a maconha é necessária para manter a paz nos presídios. Com a maconha, o bandido se acalma e não comete desatinos".

Esse argumento não salvou José Campos Dias, condenado a sete anos de prisão por roubo em 1973, transferido do Presídio Central para a Área Judiciária por possuir maconha em sua cela. Com medo de acabar na Ilha do Presídio, Dias desabafou, repetindo o ex-secretário: "O negócio é que a gente tem que fumar isso para aliviar um pouco a barra. E todo mundo faz isso lá no presídio".

Nem só nos presídios acontece isso. Em agosto passado, o III Exército expulsou vinte e sete soldados da Polícia do Exército por consumo de maconha.

Revolução pela maconha

A nível ideológico não existe uma posição declarada. Certas correntes, no entanto, afirmam que o sistema capitalista reprime a maconha porque ela representa um prazer e tira do corpo humano a disposição ao trabalho maquinal e dominador, principal estrutura do sistema.

Essa relação entre repressão ao uso de tóxicos e o sistema capitalista, é feita, também, pelo jornalista Antonio Carlos Pacheco. Em artigo no jornal alternativo *O Inimigo do Rei*, de concepção anarquista, ele diz que a repressão tem como base o pensamento de que "a máquina-corpo tem de ser preservada para o trabalho". Pacheco vai mais além, afirmando que "fumar maconha é uma coisa revolucionária que coloca em cheque as estruturas do sistema no que elas tem de mais sólido, que é a ideologia do trabalho".

A partir dessa idéia a sociedade capitalista determina que fumar maconha é um

ato marginal e, até mesmo, subversivo. Esse pensamento ficou bem claro no início da década de 70, quando o DOPS paulista não distinguia o guerrilheiro do usuário de maconha na hora da tortura. Revolucionária, imoral e altamente lucrativa, a maconha tem provocado polê-

mica. Até hoje não foi comprovado que ela provoca distúrbios orgânicos sérios. O próprio delegado Muniz, reconhece que a maconha não vicia: "O que causa é dependência psíquica, assim como o cigarro".

A concorrência: maconha x bebida

Na verdade, os maiores interessados em manter a repressão à maconha seriam os fabricantes de uma das drogas mais prejudiciais ao corpo humano: a bebida alcoólica. Essa é a opinião do jornalista Chris Barnett, da revista *Playboy*, autor de um levantamento sobre as vantagens e desvantagens da legalização da maconha. Uma das questões colocadas é a omissão das grandes multinacionais do tabaco quanto à legalização da maconha. Possuindo know-how, maquinário, as marcas e os sistemas de distribuição, obviamente deveriam ser as mais interessadas. É possível que a maconha represente um risco para o cigarro.

Atualmente, por exemplo, mesmo com a maconha sendo ilegal, a indústria de bebidas já sofre grande concorrência. Uma comprovação bastante significativa desse caso foi o grande aumento na venda de bebidas no início do ano, em Porto Alegre. Nessa época, faltou maconha no mercado.

Especulações econômicas e sociais à parte, os fumantes continuam dispostos a defender a livre utilização da *marijuana*. É o caso de um grupo de universitários gaúchos, que planeja, ainda para esse ano, a campanha "Anistia para a Maria".

Cláudia Brandão
Marijane Ricacheneisky

OS ARMAZÉNS DO SEXO

Com a liberalização sexual, as sex-shops invadem Porto Alegre com a promessa de satisfazer o erotismo gaúcho



Nas vitrines, artigos para todos os gostos, mesmo os mais bizarros

O senhor de terno e gravata, de aliança na mão esquerda, aparentando quarenta e cinco anos, entra na loja. Parece encabulado com o ambiente e sorri quando a atendente vem em seu socorro. Não há o tradicional "o que o senhor deseja?". O vendedor, da forma mais desinibida que aprendeu, diz de um só-fôlego: "vamos passar para a sala?".

A loja é uma *sex-shop*, mais precisamente a *Porno Center Sex*, no sexto andar de um edifício da rua Vigário José Inácio, no centro de Porto Alegre.

Depois de entrar na salinha, fugindo aos olhares dos cidadãos que transitam em frente à porta, o homem parece mais aliviado. Agora, ele já se mostra mais à vontade, dando um malicioso tapinha num pênis gigante disposto estrategicamente na pequena estante que serve de mostruário. O respeitável senhor pergunta sobre vários artigos, manipula algumas revistas, se informa dos preços e vai embora.

Ele está cumprindo a rotina diária da *Porno Center Sex*. Inaugurada em julho

de 1981, a loja tem um movimento diário médio de vinte pessoas, mas poucas realmente compram algum produto. O investimento foi alto. Orlando Lopes, distribuidor de filmes, aplicou um milhão e meio de cruzeiros na montagem da loja - um JK enjambrado - e na compra do estoque.

Agora ele se arrepende. "Pensei que houvesse muito mais interesse na compra e não apenas curiosidade", reclama. Na verdade, a *Sex Center* é a menor e a menos equipada loja de artigos considerados eróticos em Porto Alegre.

A *Sex Shop Personal*, por exemplo, é forrada de carpete azulão até o teto e, ao contrário da *Porno Sex Center*, não colocou o nome da loja escrito a *hidrocor* num papelão pregado na porta. Há um singelo mas bem trabalhado letreiro de acrílico avisando o ramo do comércio. Na recepção, dois funcionários se dividem no atendimento aos fregueses.

Juarez Maciel tem vinte e quatro anos e está na *Personal* há oito meses: "Fomos a primeira", garante. Ele fala com orgulho de seu trabalho e defende sempre os in-

Horst Knak

Produtos caros e ineficientes

O sexo hoje em dia deixou de ser tabu. Há um grande número de informações, às vezes contraditórias, que levam as pessoas, principalmente os jovens, a dúvidas sobre o relacionamento sexual. É o caso das lojas de produtos eróticos, que, embora considerados de pouca importância numa relação sexual, contribuem para aumentar a confusão.

O médico Athos Hutz, sexólogo, afirma que o ideal é o conhecimento do sexo, não havendo a necessidade de artifícios. Mas reconhece que para algumas mulheres pode ser importante o uso destes produtos, uma vez que alguns ajudam na estimulação sexual. "Sociologicamente a mulher é mais retraída do que o homem, embora a necessidade fisiológica seja a mesma. Esta retração se deve a conceitos superados. Se não for passiva, a mulher corre o risco de se tornar menos respeitável", explica o sexólogo.

Segundo Hutz, nem só a retração feminina é o problema. "Muitas vezes a própria agressividade sexual da mulher moderna pode levar à impotência masculina.

Este comportamento incentiva o homem a procurar outros meios de satisfazer sua companheira."

O efeito destes produtos eróticos no homem é considerado praticamente nulo, diz Hutz. "Ele pode se estimular de maneira bem melhor e mais natural, através de revistas e filmes eróticos. A excessiva fantasia erótica também pode gerar a frustração em quem não consegue realizar o que julga ser verdade", alerta ele. Segundo o sexólogo, há muita fantasia em torno destes produtos. "Os que dizem prolongar o prazer e trazer outras vantagens prejudicam a sensibilidade, perdendo então o valor essencial de seu uso."

A psiquiatra Maria de Lurdes Moura da Silva tem opinião praticamente idêntica. O tratamento de um paciente com problemas sexuais, segundo ela, deve ser feito independentemente de produtos artificiais, sendo mais produtivo o tratamento feito com o casal, do que com recursos artificiais. Para ela, o uso destes produtos não chega a causar desvios sexuais. Os desvios, se já existem, não são agravados nem solucionados pe-

los produtos vendidos nas *sex-shops*. A situação só se agrava quando um dos parceiros não o deseja. "O mais importante numa relação é que haja a realização dos dois parceiros, mesmo que em grau de satisfação diferente, e não a frustração de um em detrimento da satisfação do outro." O uso destes produtos de maneira não agradável por um dos parceiros, diz ela, pode levar a uma retração sexual.

Hutz garante que, além dos curiosos, estes produtos são procurados por indivíduos incapazes e mal informados, e também por homens tendentes à impotência e à inadequação sexual. Hutz não recomenda artigos eróticos como tratamento de pessoas com problemas sexuais. "Os pacientes que usaram estes produtos não tiveram nenhum resultado satisfatório."

Assim, o destino do comércio de produtos eróticos no Brasil talvez repita o acontecido na Europa. Com exceção de turistas de países subdesenvolvidos, as lojas vivem às moscas.

teresses dos proprietários - Cláudio Tógo e Flávio Burd -, este advogado e também dono de um escritório de Contabilidade e Perícia, na avenida Osvaldo Aranha, que funciona junto à seção da UNICEF em Porto Alegre.

Maciel afirma não ter preconceitos e, para provar, diz que guarda várias revistas e filmes em casa, além de usar normalmente alguns produtos, como uma pomada japonesa utilizada para prolongar a ereção. Para ele, não há diferença entre amar uma pessoa e manter relações sexuais com outra, sublinhando seu pensamento com uma crítica aos falsos moralistas: "Temos um freguês que vem seguidamente aqui, considerado um dos baluartes da moral gaúcha". Quem é, ele não diz, alegando que "neste negócio é preciso discrição". Mesmo assim, Maciel não considera que esta atitude seja o reconhecimento de que o comércio de artigos pornográficos não é tão normal como qualquer outro.

A moral e a família

O proprietário da Porno Sex Center tem a mesma opinião de Maciel. "Eu sou um comerciante e este ramo me pareceu um bom filão. Não há porque condenar quem trabalha com isso", argumenta. Orlando Lopes esclarece que sua família também considerava a loja uma ótima idéia e diz que sua esposa ajudou muito na montagem da sex-shop, embora admita que seus dois filhos, um de dezoito e outro de dezesseis anos, não costumam passear no meio de pênis, bonecas infláveis e vibradores. Ele não é o que se chamaria de liberal. Concorde que o homem dê seus *pulos*

fora do casamento, mas não cogita em permitir que a mulher faça o mesmo. "Esse negócio de *swing* e semelhantes não me agrada." Lopes não vai quase à loja, mas, mesmo assim, constata que seus melhores fregueses são argentinos. Garante também nunca ter usado qualquer produto, com a justificativa de que "quando se trabalha diariamente com artigos eróticos, eles já não despertam mais interesse".

A recessão não chegou a todas as sex-shops. Pelo menos é do que se vangloria Carlos Pinto de Souza, que, junto com Otaviano Perez Macedo, trocou as ações de divórcio de seu escritório de advocacia na rua da Praia pelos livros que mostram o que fazem os recém-divorciados. A loja dos dois - Charles' Sex Shop - está dando lucro, tanto que uma filial já foi aberta em Florianópolis, sob o comando do próprio Souza.

Em Porto Alegre, a loja é gerenciada por Adriano Dilomar Ercolani, ex-programador de computadores, na chefia da Charles' desde fevereiro passado. Otimista, Ercolani prevê que a tendência é melhorar as vendas, acompanhando o ritmo de liberação sexual. De dentro da loja - uma sala dividida por um biombo, sem posters ou quadros nas paredes e acarpetada de vermelho - ele observa o mundo e explica, à sua maneira, que as pessoas encontram ali sugestões e soluções para seus traumas, desvios sexuais e psicoses. "Tem gente que vem aqui - bissexuais por exemplo - que quer consultas, pensando que é consultório sexual", gaba-se Ercolani.

E os conselhos e explicações são distribuídos com fartura: há uma verdadeira aula de educação sexual, a partir da apresentação do produto e suas mil e uma utilidades. O gerente acha que as mulheres estão mais desinibidas que os homens. "Elas admitem com muito mais

naturalidade que os pênis, os estimulantes ou a pomada restituidora da virgindade (quadro abaixo) são para elas. Já os homens preferem não informar para quem é o produto", constata.

Os responsáveis pela Charles', da mesma forma que os outros, são obrigados a ir a São Paulo para comprar os artigos, principalmente da firma *Complement*. A exceção é Flávio Burd, da Personal, que acha mais lucrativo ir a Manaus.

Tecnologia é nacional

Apesar dos preços, os produtos com mais saída são os que agem diretamente sobre a atividade sexual das pessoas, como pênis de duas pontas, pomadas, vibradores, membros semelhantes a maçãs medievais e estimulantes clitoriais, além do já famoso *restaurador* da virgindade. Inexplicavelmente, algumas lojas vendem xampus sem qualquer conotação sexual, que não deixam nem o cabelo em pé. Na Personal, o vendedor não consegue precisar qual o artigo que mais vende, mas sabe o que vende menos: "é o *Biosex*, um estimulante físico".

Enquanto alguns responsáveis pelas lojas evitam comentar que trabalham com produtos importados, a Personal jura que tudo é nacional, embora garanta que a pomada japonesa não é fabricada no bairro paulista da Liberdade.

Mas o gaúcho também já está mostrando seu poderio tecnológico neste ramo. Em Porto Alegre, começaram a aparecer as primeiras fitas eróticas gravadas em estúdios locais.

Um destes novos empresários é um conhecido apresentador de rádio, que, nas horas vagas, escreve e dirige as novelas. O texto não importa muito e sim a quantidade de gemidos e a vibração das

vozes. Para um ouvinte passivo, que desfruta do ruído das relações sexuais dos outros, fica difícil imaginar a cena: um homem e uma mulher - normalmente locutores de rádio e de TV - sentam um na frente do outro e disfarçam a voz para protagonizar aventuras sexuais invejáveis aos sodomianos.

Apesar de cada história durar vinte e cinco minutos, as gravações demoram normalmente mais de uma hora e meia. A cada risada, a gravação precisa ser interrompida. Numa delas, a excitada locutora saiu do texto e decidiu improvisar, pedindo que seu companheiro a "pegasse por trás". Desavisado, ele só conseguiu dizer: "Aaahhhh?"

Os donos das lojas de Porto Alegre têm um acordo. Todos os meses eles se reúnem para acertar a tabela conjunta de preços e contar seus pequenos dramas, como o de Orlando Lopes, da Porno Sex Center. Ele já cansou de ver arrancada a plaqueta de papelão colada na porta. "Alguém do edifício não deve gostar disso aqui", lamenta.

Na dúvida de como agir se for convidado a ir a uma central de distribuição de erotismo, o melhor mesmo é fazer como um agente da Polícia Federal de Porto Alegre. Funcionário do Departamento de Polícia Fazendária, ele entrou numa loja para verificar se não havia contrabando. Quando segurava um enorme pênis e atentamente procurava qualquer indicação sobre a origem do artigo, três jovens senhoras entraram na sala e, ao surpreendê-lo, disfarçaram uma gargalhada irônica. Pensando rápido se deixava ou não o pênis de lado, achou preferível continuar acariciando o instrumento, como qualquer desviado sexual normal. Enrubescido, é verdade.

Laine Milan
Marcelo Rech
Maria Rejane Vargas



Horst Knak

Muitos produtos são vendidos na farmácia da esquina a preços mais baixos

O ABC do iniciante

Se você é uma pessoa curiosa, como aquelas que visitam as *sex-shops*, tenha algumas "informações básicas" sobre os principais produtos encontrados nessas lojas que prometem "inesquecíveis momentos de prazer":

ANÉIS DO AMOR - anéis ajustáveis ao membro masculino. Feitos de látex variam na forma. Mas todos têm saliências para estimular o clitóris e o ânus ou ambos. Para efeitos comerciais os anéis são classificados: *Temptation*, *Stimulation*, *Excitant* e *Erotik*.

BONECAS INFLÁVEIS - Vêm em caixas lacradas, são de plástico, com altura de 1,65m. E - surpresa - tem o rosto das desejadas atrizes Beti Faria e Lady Francisco.

CREMES - As famosas pomadas japonesas. Os cremes masculinos prometem lubrificação, ereção prolongada e ejaculação retardada. Os femininos têm sabor. Ambos são à base de xilocaína, substância que irrita e anestesia partes sensíveis do corpo.

FILMES ERÓTICOS - filmes super-8, coloridos, 200 pés (60 metros). Mos-

tram as mais variadas formas de relações sexuais.

FITAS ERÓTICAS - Simulação sonora de relações sexuais. Trinta minutos de gritos, gemidos e tudo a que tem direito o consumidor específico.

PRESERVATIVOS - além dos comuns, tipo "camisinha", as *sex-shops* oferecem preservativos anatômicos com saliências na parte externa.

PROTECTOR ORAL - A língua também atrai a atenção dos produtores de artigos eróticos. As lojas oferecem *oral sex* ou *love sex*, um protetor de língua feito de látex com saliências.

RESTAURADOR DA VIRGINDADE ou **VIRGIN AGAIN** - líquido desodorante que, colocado na vagina, contraí os músculos, para dar a sensação de virgindade.

VIBRADORES - De vários tamanhos e formas, movidos à pilha, a maioria conserva o formato do pênis. A exceção é o produto *duo bals*. São esferas de metal que prometem grande excitação. Conhecidas, também, como "o prazer das gueixas orientais".

Além desses produtos, há livros, *slides*, chás estimulantes, *guaraná* em pó, cápsulas ditas afrodisíacas e assim por diante. Agora, se os produtos o entusiasmaram, abra o olho: muitos deles são vendidos em farmácias, por preços bem mais acessíveis.

Em nome da moral

Poucas horas depois de ter sido inaugurada a loja, na manhã do dia 25 de outubro, o atendente da filial da Porno Center Sex, em Novo Hamburgo, se surpreendeu com a chegada da polícia. Era uma ordem de fechamento, apreensão da mercadoria e prisão do funcionário. Quase ao mesmo tempo, a surpresa se repetia em mais cinco sex-shops do centro de Porto Alegre. Somente uma loja escapou da *blitz*: a Charles', que, segundo a versão policial, deixou de publicar o tradicional anúncio nos jornais, pelos quais foi guiada a ação fulminante. Duas kombis foram lotadas com material pornográfico.

A operação se baseou no artigo 234 do Código Penal, que pune quem "vende, distribui ou expõe à venda ou ao público qualquer objeto obsceno."

Os oito funcionários presos tiveram de desembolsar fianças que variaram de mil a cinco mil cruzeiros. Mas esta não é a maior preocupação dos proprietários das lojas. Assustados, eles não querem falar, temendo que a situação fique ainda pior. "Somente quem pode dar informações é a advogada que está tratando do caso", resmunga Flávio Burd, da Personal.



Gilberto Lima

Apertados nos fundos de quintais, eles sonham com velhos ídolos

SEM COMPROMISSO

Todas as semanas eles se reúnem para fazer o que mais gostam: tocar rock

Os nomes são pretensiosos: *Nektar* e *Panacea*. Para quem está iniciando em música, autoqualificar-se como a bebida digna dos deuses ou o remédio para todos os males, pode criar uma impressão negativa de auto-suficiência, mas demonstra, também, a garra de quem acredita naquilo que faz. Tocar e compor *rock* tal e qual as bandas inglesas do início dos anos setenta é a maior aspiração de um grande número de jovens no mundo inteiro. Harvey, Bertrand, Flávio e André, do Panacea e Carlos, César, Flávio e Rogério, do Nektar, não fogem à regra. Eles formaram seus conjuntos porque gostam de ouvir e tocar rock.

Todos têm menos de dezoito anos e estão completando o segundo grau. Aliás, a escola foi importante para a existência dos grupos: foi nela que os garotos se encontraram e partiram para a música.

O Panacea - título de uma música do trio canadense RUSH - ensaia junto há um ano e já tem um repertório de quatorze músicas, dez próprias e quatro arranjos.

Recém-formado, com poucas semanas de vida, o Nektar - palavra que seus integrantes não sabiam já ter denominado um grupo alemão de música progressiva - conta com cinco temas prontos, herança da pequena experiência de alguns dos seus integrantes. Poucos meses de violão clássico ou popular, as aulas de um baterista profissional ou os ensinamentos de um professor de religião que conhecia a técnica de tocar bateria resumem a experiência anterior dos dois grupos.

O conhecimento rudimentar da música não é um empecilho. Para tocar como seus ídolos, o fundamental é ouvi-los. E muito. À exceção de Bertrand, que situa suas preferências também dentro do jazz, todos ouvem apenas rock: *Beatles*, *EL&P*, *Yes*, *Jethro Tull*, *Pink Floyd*, *Deep Purple*, *Rainbow*, *Led Zepellin* e *Rush*.

Dos discos vêm quase todas informações para a música do Panacea e do Nektar. Os aspectos não musicais da identidade de seus ídolos estão nos filmes que volta e meia passam no cinema e na televisão. Harvey, que assistiu nove vezes o filme "Rock é rock mesmo" do grupo inglês *Led Zepellin*, lembra que o rock é energia e, portanto, a postura do músico é importante. Mas acha que muita encenação atrapalha no desempenho instrumental.

Nas letras, a urbana fantasia dos anos oitenta

Ao se montar uma banda por *hobby*, sem intenções profissionais imediatas e partindo de um esquema

completamente amador, aparecem dificuldades bastante peculiares. Como o baixista, via de regra, é uma figura bastante apagada nos grupos de rock, nenhum garoto sente atração maior pelo instrumento. Nos dois grupos, tocar baixo não foi opção, foi contingência: André, do Panacea, tornou-se baixista "por eliminação" e Flávio, do Nektar, passou para o instrumento por que tem mais ritmo, mas toca baixo contra a vontade.

Outra dificuldade é conseguir um bom lugar para ensaiar. Os vizinhos estão sempre reclamando do barulho e algumas vezes protestam de forma mais violenta. Como no caso de Rogério, baterista do Nektar, que teve sua casa apedrejada, o que lhe valeu a proibição de voltar a ensaiar lá.

Os preços dos equipamentos também atrapalham. Uma boa guitarra ou baixo custa Cr\$ 50 mil e uma bateria Cr\$ 116 mil. Um amplificador de 50 W - são necessários pelo menos dois - custa Cr\$ 30 mil e um distorcedor para guitarra está por Cr\$ 10 mil.

Se a música é baseada nos grupos ingleses da década de setenta, suas letras falam da realidade e da fantasia de jovens urbanos dos anos oitenta. Em sentido figurado e às vezes discursivo, eles compõem coisas como *Cheiro de Nektar*, *Último andar*, *Ser interior*, *Sábado negro*, *Presos ao sol*, *Em meio ao mar* ou *Balada urbana*.

O trabalho começado por brincadeira pode virar coisa séria - um grupo anador de Liverpool, *The Quarrymen*, transformou-se em *The Beatles* e revolucionou o mundo musical - mas isso, por enquanto, está longe da cabeça dos garotos. Todos preparam-se para carreiras bem distantes da música: Engenharia, Economia, Arquitetura, Comunicação Social. Música? Talvez no futuro.

Gilberto Otávio Lima

O GOLEADOR GIGANTE

Ele venceu os zagueiros, mas perdeu para a balança

O gol é essencial em futebol. Se você perguntar para um torcedor comum porque ele vai ao estádio, ele responderá satisfeito: "Eu vou para ver gols." E esta é a melhor ilustração para a tese de que o torcedor se identifica muito com o goleador. Nesta relação artilheiro-torcida pode-se dizer que por circunstâncias especiais, ninguém, na história recente do futebol gaúcho, satisfiz mais do que Claudiomiro.

No jogo da inauguração do Gigante da Beira-Rio, em abril de 1969, ele marcou o primeiro gol da vitória colorada sobre o Benfica de Portugal.

Gilson Porto aproveitou a cruzada de Valdmiro, feita pela ponta direita. Chutou para a área. Claudiomiro, que vinha pelo meio concluiu para a rede. Seria a maior glória de uma curta carreira que passaria para o folclore do futebol.

"Eu fiz muitos golos na minha vida, nem sei direito quantos, mas esse foi o mais importante. Mais até do que o que fiz na seleção brasileira em 71. Porque o meu nome sempre será lembrado como o goleador do Gigante".

Hoje, com 30 anos, Claudiomiro Estrais Ferreira é um dos milhares de torcedores que estão nas arquibancadas do Beira-Rio, procurando a alegria que muitas vezes proporcionou a massa. Nem sempre a encontra.

"Eu acredito que agora estão fazendo tudo mais difícil, o futebol é uma coisa cada vez mais complicada. Todo mundo só se preocupa em fazer retranca. É muito difícil se ver um centroavante fazendo três ou quatro golos numa partida. As vezes é difícil ver até mesmo o cen-

troavante, de tanto zagueiro que tem dentro da área."

Claudiomiro, no entanto, não é difícil de se ver, está tão gordo que não diz seu peso atual. "Não interessa para ninguém, tenho meu trabalho e minha família para cuidar. Fizem muitas brincadeiras comigo quando jogava, agora prefiro falar de futebol."

Ele sempre gostou muito do Internacional.

Um dia foi jogar nos infantis do Colorado. Passou para os juvenis e aos dezoito anos já era titular do time profissional. Numa fase muito ruim do clube, que há sete anos não ganhava um título regional. Claudiomiro e outros garotos começaram naquele ano as vitórias da "era Beira-Rio".

"Não sei se eu era o mais jovem, mas a maioria foi juvenil do Inter e tínhamos uma gana tremenda de ganhar, principalmente do Grêmio.

O novo estádio ajudou muito, como também a torcida".

O time Colorado foi campeão e Claudiomiro reconhecido como grande centroavante de muitos golos e belas jogadas. Mas dando entrevistas ficou ainda mais conhecido.

Era pago para fazer golos

Quem não ouviu comentários risinhos de frases como esta - "agradeço as bramas que a Polar me mandou." ou então - "comigo ou sem migo o time joga bem". E ainda tem mais... "Não precisa lembrar mais não. Eu não sei falar bem até hoje é por causa da minha origem humilde. E os repórteres gostavam de me ver falar, porque eu fazia muitos golos importantes. Eu não gostava de falar, até me escondia, eu gostava era de fazer golos."

Mas sempre depois desses comentários surge a conclusão de um torcedor: "o negão é que nem nós, fala errado, mas adora o Colorado, e o melhor, fez um monte de gol no Grêmio - o Ancheta que o diga."

Pena que os zagueiros adversários também reconheceram o grande jogador e baixaram o pau. E, como todo o centroavante que presta, passou longos períodos lesionado, agravados por uma tendência a engordar.

"Quando eu fui para a seleção brasileira já tinha este problema, era só parar de jogar e engordava. Naquela época não tinha a preparação física de hoje, que exige mais do jogador. Tá certo que eu bebia umas cervejas."

E foi assim a queda do gigante goleador. O time precisava de seus golos e ele passava a maior parte do tempo tentando recuperar o peso ideal - fora de campo.

Em 74, os dirigentes colorados cansados de esperar por Claudiomiro, venderam-no para o Flamengo. E no maior palco do futebol mundial ele não se deu bem. Logo foi vendido ao Botafogo e mais rápido ainda voltou para o sul. "Foi uma fase muito ruim, nada dava certo. Aí voltei para o Inter, mas o Flávio estava fazendo muitos golos e eu fui para o Novo Hamburgo. Em 76 fui para o Caxias e em 78 encerrei minha carreira no Inter." Não foi um encerramento festivo nem sequer muito comentado. Muitos já o davam como acabado para o futebol desde 74, quando saiu do Inter. São os



Telmo Cúrcio / ZH

mesmos que o acusam de ter posto fora sua carreira gastando com bebidas e faras o bom dinheiro que ganhou enquanto estava jogando.

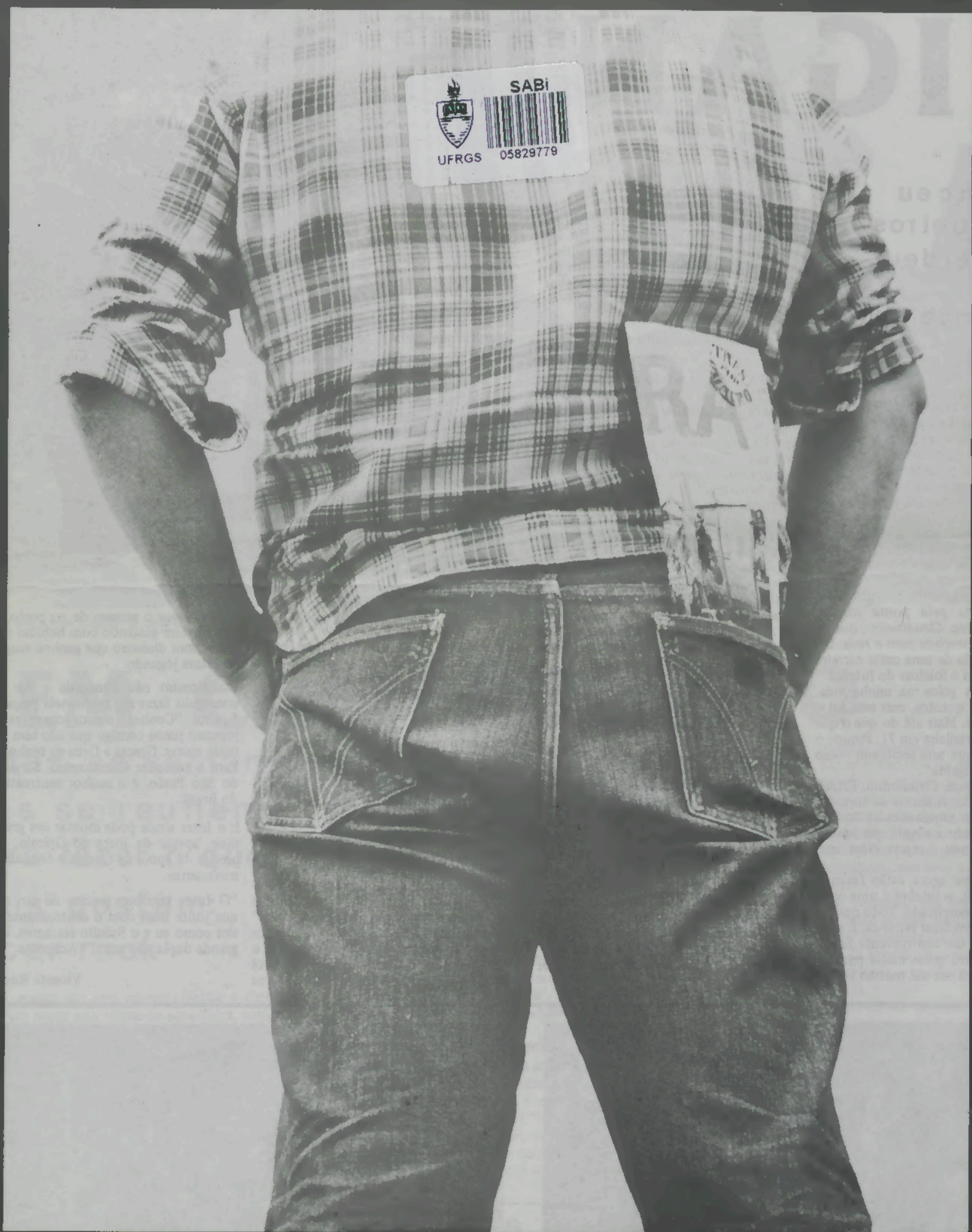
Claudiomiro não concorda e diz que conseguiu fazer seu pé-de-meia graças ao futebol. "Conheço outros jogadores que jogaram junto comigo que não tem nem onde morar. Graças a Deus eu tenho." Para o torcedor Claudiomiro, Serginho, do São Paulo, é o melhor centroavante do Brasil.

E o Inter ainda pode montar um grande time, apesar da força do Grêmio, mas precisa do apoio da torcida e de mais entrosamento.

"O Inter também precisa de um meia que junte mais com o centroavante, assim como eu e o Bráulio fazíamos. Uma grande dupla não acha?" Achamos.

Vicente Romano





SABi
UFRGS 05829779

Horst Knak

**Estamos deixando a faculdade para trás.
No bolso, só levamos o nosso trabalho**